

11.9.65

UM BILHETE

Rubem Braga

NÃO, meu caro, não posso lhe dar muitas notícias desta vida do Rio que você, à distância, tanto inveja. Tenho andado meio perrengue, e nem à praia tenho ido.

A última vez que fui à boate foi ao «Zum-Zum», que sendo a casa do Paulinho Soledade é sempre uma boa pedida; se o dono da casa é da música e do uísque, a música e o uísque da casa são bons, o que não acontece em toda parte.

Ao tal bar do Nanai ainda não fui; sei que lá está o bom Catulo de Paula, e vai estrear uma japonesinha que vi na televisão e que canta samba que é uma graça; gostei mesmo de ouvi-la cantar umas peças do repertório da Araci de Almeida e no meio uma coisa em japonês, que era bonita. Nem sei bem onde é o bar do Nanai, apenas que é pelas bandas do «Kilt».

Aqui perto no Castelinho lançaram o concurso para escolher a garôta de Ipanema; a primitiva, a autêntica, que deu inspiração a Tom e Vinícius, apareceu em uma reportagem de «Manchete». Eu que morei tanto tempo ali perto da esquina de Prudente de Moraes e Montenegro já a conhecia de vista; gostei de saber que tem sangue do Barão de Itapemirim, o que sempre é um jeito de combinar os murmúrios de nosso velho Itapemirim aos marulhos das ondas de Ipanema; a combinação é boa. Mas eu votaria, creio, em outra menina que mora ali perto, e se chama Ana Luísa; em matéria de balanço não conheço nada nem de leve parecido.

Será que fica feio um senhor de minha idade falar de garôtas, de Ipanema ou aihures? Não creio. Admirar môças não é coisa que se perca com a idade; por dentro nós todos continuamos uns rapazes e às vezes uns meninos. A paisagem humana tem tanta melancolia que a gente não pode se proibir de gostar do que ela ainda oferece de beleza e graça. Salve as môças. E com esta salvação delas me despço, e de você, pois é hora de tomar a mezinha que me receitaram para meu achaques. Ora pois, adeus.

11.9.65